

A EXPOSIÇÃO DO «GEMIO ARTISTICO»

Para um paiz que ha vinte annos mal sustentava os professores da sua Academia de Bellas-Artes, professores quasi sem discipulos, muito especialmente os das escolas de pintura e de escultura, é na verdade lisongeiro o progresso que tem realisado na arte, n'estes ultimos annos.

Tem sido um renascimento, como o foi nos fins do seculo passado, como no seculo XVI, o que nao quer dizer que, como no seculo XVI e XVII, este renascimento não esmoreça e se fine á mingua de incentivo e, peor do que isso, asseado pela critica apaixonada, onde tanto pôde dominar o espirito de desdenhar do que é de casa como a ociosidade e a ignorancia que se comprazem em criticar e desfazer nos que procuram trabalhar e distinguirem-se pelo merito proprio.

«Santos de casa não fazem milagres» e em parte alguma este proloquio tem tão justa applicação, como no nosso paiz.

E sestro incorregivel dizermos mal do que é nosso e quando os extranhos notam com elogio o que temos de bom, ficamos embasbacados, como que surpreendidos, e comentamos com um assombro tolo, que estrangeiros elogiem coisas que, ou reputavamos vulgares e somenos, ou por que nem sequer tinhamos ainda dado.

Ora com aquelle sestro e esta inconsciencia, que valor tem a critica, quer ella exalte quer deprima?

Deixemos-nos, pois de criticas infructiferas e irritantes, e apreciemos os factos pelos seus resultados praticos.

Não vae longe o tempo em que para proteger os poucos artistas que então havia, se organisou uma sociedade sob o titulo de *Sociedade Promotora das Bellas Artes em Portugal*. Essa sociedade, que no principio teve um certo incremento, depressa se lhe foi apagando a chamma que a animava. Levantaram-se questões, diminuíram os socios, faltou a materia prima para exposições em periodos regulares, e para n'essas exposições se venderem quadros, era por meio de loteria com premios que sahiam aos socios e para os quaes premios os expositores fabricavam quadros accommodados ao valor dos ditos.

Isto estava na indole e nos costumes do paiz. A riffs, a loteriasinha sorria e depois, quadros só por bamburrio, que compral-os com o nosso dinheiro não estava no orçamento caseiro.

O estimulo que veiu d'estas exposições foi quasi nullo: o publico não se interessava por ellas, era apenas um negocio entre os expositores e os socios da *Sociedade Promotora*.

Morreu anemica.

Um novo renascimento se havia de operar, e operou-se com elementos modernos que entraram para a Academia. O fallecimento de professores antigos deu lugar a um renovo de professores modernos que vinham de completar a sua educação artistica, no estrangeiro, como Lupi, Silva Porto, Simões d'Almeida, Luiz Monteiro, Gaspar, etc.

Principiou a educar-se uma geração nova e com uma orientação nova tambem.

Os artistas d'esta escola formaram um grupo, tendo á sua frente Silva Porto, e porque estes artistas se reuniam no *Café Leão*, denominou-se *Grupo do Leão*.

Todos unidos accordaram em fazer uma exposição das suas obras e assim realisaram a primeira em 1882, nas salas da *Sociedade de Geographia*, ao tempo installada na rua do Alecrim.

Aquella primeira exposição foi animadora. Apareciam n'ella Silva Porto, professor da aula de paisagem, João Vaz, José Malhõa, H. Pinto, Gyraõ, e poucos mais, uns filhos da velha escola e outros discipulos da moderna.

O publico applaudiu a iniciativa e a novidade sobretudo, o que o levou a comprar alguns quadros.

A critica foi benevola; era uma coisa de rapazes, planeada n'um hotequim entre o bock e o café, sem pretensões e sem grandes ambições tambem; porque não se havia de applaudir?

No anno seguinte outra exposição com mais quadros e mais artistas. Resultado lisongeiro.

No 3.º anno já todos perguntavam pela exposição com certo interesse. Estava lançada e entrou em moda o comprar um quadrinho na exposição do *Grupo do Leão*.

A critica não destoava e as exposições foram succedendo-se annualmente e progredindo tambem.

Mas por uma d'aquellas contradicções tão vulgares nas coisas humanas, á proporção que o *Grupo* ganhava em seriedade, perdia em solidariedade, e ao cabo de uns sete annos dissolveu-se, formando-se então uma sociedade legalmente

constituída, com seus estatutos e regulamento, sob o titulo de *Gremio Artistico*.

*
*
*

O *Gremio Artistico* inaugurou, por assim dizer, uma nova era para a Arte, em Portugal.

A sua influencia não se fez sentir só nas exposições, que de resto estavam lançadas, mas em muitas questões d'arte, em que a sua intervenção perante as estações officiaes tem sido de bom conselho para resolver.

A sua primeira exposição, em 1890, nas salas da Academia de Bellas Artes, concorreram quasi todos os artistas, porque o *Gremio* a todos abria as suas portas.

Na vanguarda o mallogrado Silva Porto, a dar alma á exposição.

Era o mestre.

Em volta d'elle todos os artistas se agrupavam, estudando-o, imitando-o, e progredindo.

A primeira exposição seguiram-se, em cada anno, outras e sempre crescendo em interesse e proventos, chegando a realisar-se vendas no valor de cinco a seis contos de réis.

A critica principiou a ser mais severa e por ultimo aggressiva. Alguns artistas resentiram-se e principiam a abandonar as exposições. A morte de Silva Porto, occorrida em 1893, foi uma grande perda para a Arte e nas exposições do *Gremio* sentiu-se logo a sua falta.

Entretanto os expositores não faltavam. As salas da Academia continuaram a encher-se de quadros dos discipulos e amadores e entre elles alguns de merecimento.

Era o resultado de 15 annos de cruzada em favor do renascimento da Arte.

As criticas podiam dizer o que quizessem, mas uma certa porção de publico tinha-se interessado pelas Bellas Artes, e muitos, voluntariamente, principiam a entregar-se ao estudo do desenho e da pintura, tendo por professores os artistas mais considerados. Atraz dos primeiros foram os segundos e mais. E espirito da raça portugueza, ou não se move ninguém ou o primeiro que dá um passo leva todos atraz de si. Dahi veiu a nossos maiores o fazerem tantas descobertas e conquistas.

Na exposição d'este anno é que mais se accentuou a falta de artistas, resultado certamente da critica desabrida com que as suas obras foram apreciadas nas ultimas exposições.

Entretanto a exposição, mais resumida que as precedentes, ainda contou uns cincoenta e cinco expositores que apresentaram 173 obras, entre quadros, aguarellas, desenhos, escultura e arte applicada.

Em o numero dos expositores figuram amadores distinctos, discipulos da Academia e de professores particulares, e muitas das suas obras foram premiadas com justiça.

Quem sabe se alguns d'esses amadores virão ainda a ser artistas consummados que illustrem o seu nome e honrem a Arte?

Os resultados praticos da iniciativa de ha 15 annos, são palpaveis, evidentes.

A critica dos zangãos pôde continuar a querer demolir, mas como a critica é facil e a arte difficil — vá lá o logar commum — os que trabalham sempre terão, pelo menos, a gloria de ter feito alguma coisa de util.

Xylographo.

A Covilhã e a Industria dos Lanificios

III

(Continuado do n.º antecedente)

A fabrica de Alçada & Mousaco é a que se segue em importancia ás das duas firmas já apontadas.

Em 1878, a firma Alçada & Mousaco estabeleceu a sua fabrica de lanificios na ribeira da Carpinteira, para o que dispoz de 200:000\$000 réis de capital.

Os motores são: roda hydraulica e machina de vapor da força de 30 cavallos.

Possuia, em 1888, 60 teares manuaes, 3 teares mecanicos e 900 fusos.

Como accessorios, tem 6 machinas de cardar, 3 fiações, machina de fazer cordão, pisões, tesouras, urdideiras, prensa continua, mechanica, etc.

O seu pessoal ascendia a 244 individuos, sendo 137 homens, 52 mulheres e 55 rapazes.

As suas vendas orçavam por 90:000\$000 réis e consumia materias primas n'um valor approximado de 60:000\$000 réis.

A primeira vez que esta fabrica se apresentou em certamen publico, foi na exposição da Avenida (1888), expondo: casimiras de verão e de inverno, que mereceram notavel apreço.

Pelo *Inquerito Industrial* de 1890, podemos inferir as seguintes indicações acerca do capital d'esta importante fabrica:

O capital fixo era de 110:000\$000 réis e o circulante de 140:000\$000 réis.

O pessoal empregado dividia-se assim: mestres e contramestres 10, operarios 174, operarias 2, total 186.

Os salarios eram: aos aprendizes, de 80 a 300 réis; aos operarios, de 500 a 1\$000 réis.

O motor é constituído por 1 roda hydraulica da força de 50 cavallos e 2 machinas de vapor da força de 72 cavallos.

As materias primas empregadas no anno de 1889 foram as seguintes:

Lã 50:000 kilos, seda em fio 300 kilos, azeite 2:500 litros, oleina 3:500 litros, petroleo 3:000 litros, n'um total de 40:000\$000 réis.

A produção no mesmo anno foi de 60:000 metros, no valor de 59:700\$000 réis.

Em 1893, o pessoal subira a 147 homens, 58 mulheres e 43 menores, sendo o salario dos homens de 280 a 3\$000, das mulheres de 120 a 220 réis e dos menores de 100 a 220 réis.

A produção subira annual e gradualmente a 130:000\$000 e 140:000\$000 réis.

As materias primas attingem um valor de réis 70:000\$000.

Na exposição de Belem, apresentou esta fabrica magnificos productos, entre os quaes se salientavam: casimiras, moscov de côr, moscov B, flanelia preta, castorinas de côr.

E esta, pois, uma das fabricas mais florescentes da Covilhã.

A que se lhe segue é a da firma José de Paiva Catharro, na ribeira da Carpinteira.

Em 1889, o capital fixo era 40:000\$000 e o circulante de 50:000\$000 réis.

O pessoal existente era constituído por 4 mestres e contramestres, 74 operarios e aprendizes, e 16 operarias e aprendizes; vencendo os operarios de 600 a 1\$000 réis diarios, e os aprendizes de 60 a 240 réis.

Os motores consistiam n'uma roda hydraulica da força de 15 cavallos e n'uma locomovel da força de 25 cavallos de vapor.

As machinas especiaes e aparelhos, indicados pelo inquerito de 1890, são os seguintes:

1 hydro-extractor, 1 enxugadouro, 1 esfarrapadeira, 1 escolhedeira, 1 aparelho de retorcedeiras com 60 fusos, 4 urdideiras, 1 grudadouro, 2 caneliras, 2 teares mecanicos, 35 teares manuaes, 2 lavadeiras, 1 pisão, 2 perchas, 4 ramolas mecanicas, 2 tesouras longitudinaes, 1 escovadeira, 2 prensas, e 1 fogão.

As materias primas empregadas no anno de 1889, subiram á importancia de 36:400\$000 réis, assim dividida:

46:000 kilos de lã, azeite 500 litros, oleina 200 litros, petroleo 800 litros.

A produção n'esse mesmo anno fôra de 66:000 metros de tecidos de lã, no valor de 65:670\$000 réis.

Da fabrica de Antonio Nunes Sousa & F.ª, pouco podemos dizer, porquanto este estabelecimento, ainda que bem antigo e importante, a poucos certamens tem concorrido.

Apenas encontramos algumas indicações nas actas da commissão do inquerito de 1865 e nos mappas do inquerito de 1893.

Foi a fabrica fundada, em 1 de dezembro de 1853, pelo seu proprietario Antonio Nunes de Sousa Senior, na ribeira da Carpinteira.

N'essa epoca, o motor era hydraulico, como ainda hoje o é, em parte, procedendo da ribeira da Carpinteira, que como se sabe tem nascentes na Serra da Estrella.

Esta ribeira, em consequencia dos grandes roteamentos que constantemente se fazem na serra, cortando o matto que represa e conserva as aguas, desviando esse valioso elemento, tem diminuído consideravelmente.

A força d'esse motor era de 12 cavallos, e foi adquirido em dezembro de 1853 e maio de 1858.

Quanto ás materias primas que, no anno de 1865, empregava eram as seguintes:

27:300 kilogrammas de lã hespanhola, 54:600 de lã nacional, 600 de cochonilla, 1:440 de anil, 4:500 de pau campeche e amarello, e outras drogas de tinturaria, quasi todas vindas do estrangeiro.

O machinismo que a fabrica possuia, no referido anno de 1865, segundo consta de declaração de 22 de outubro, feita pelos proprietarios, compunha-se dos aparelhos e machinas seguintes:

3 apparatus, sendo 1 francez e 2 belgas, que

7.ª Exposição do «Gremio Artistico»



A BARRELLA—Quadro de M.^{lle} Zoé Wanthelet



SOROR MARIANNA—Pastel da Sr.^a Condessa do Alto Mearim



UMA CABEÇA DE ESTUDO—Quadro do sr. Galhardo



VICTOR WAGNER NO SEU ATELIER—Quadro da Sr.^a D. Laura Sawinet Bandeira



PORTO DE FARO—Quadro do sr. João Vaz



UM CASO COMPLICADO—Quadro da Sr.^a D. Virginia Santos



NA COSTA DE CAPARICA—Aquarella do sr. Roque Gameiro



A PASSAGEM DO COMBOIO—Quadro do sr. José Malhóia



MOINHOS À BEIRA-MAR—Quadro do sr. J. R. Christino



TERRAS DA AZOIA—Quadro do sr. Galhardo

Cyclone dans la mer des Indes, por M. Dibos. — *Le Potager du Roi et l'école nationale d'horticulture de Versailles*, por Charles Deloncle. — *Le Marché aux chiens à Paris*, por Gustave Coquiot. — *La Jacobella Wickerslooti*, por d'Agiout. — *Stockholm*, por Maurice Gandolphe. — *La Bodinière*, por Mario Bertaux. — *L'Exposition de 1900: trois ans avant*, por C. de Néronde. — *Événements géographiques et coloniaux*, por Gaston Rouvier. — *Le Mouvement littéraire*, por Léo Claretie. — *Chronique théâtrale*, por Maurice Lefèvre. — *Causerie scientifique*, por G. Mareschal.

Deveras interessante, como se pôde suppor, dada a variedade do presente summario.

Cambiantes — poesias de Ramos-Coelho. 1897. — Typographia Castro Irmão — Lisboa.

N'uma edição apurada, magnifico papel, boa letra e cuidada impressão, sahiu a lume o presente livro de versos do nosso querido e venerando col-laborador sr. Ramos Coelho.

Este volume é o segundo dos tres que constituem a obra poetica do illustre poeta. No final do prologo, diz-nos o auctor:

«E' ainda das poesias intimas que a este volume, como da sua parte principal, advem o titulo; o mesmo aconteceu ao primeiro; a um puz o nome de *Lampejos*, porque o são elles da aurora e do rapido sol da minha curta felicidade; ao outro chamo *Cambiantes*, porque n'ellas reproduzo a passagem d'essa

7.^a Exposição do «Gremio Artistico»



OLAIA EM FLOR — Quadro do sr. Carlos Reis



COQUETISMO — Aguarella do sr. Roque Gameiro

felicidade para a desventura e da luz para a sombra.»

Quem lê o encantador livro, ha de sentir com o poeta as suas dores, as suas rapidas alegrias. O leitor sincero tem tudo a ganhar na leitura das suas composições de Ramos Coelho.

Não destacaremos por agora, senão uma poesia das mais sentidas (xlv e xlix) que veem nas *Cambiantes*, a ultima intitulada:

ULTIMO LAÇO

Para que vivo eu, se ella não vive,
Se da minha existencia a melhor parte
Com ella se acabou? Tantos ditosos
Folgam por esse mundo; e eu soffro; eu gemo!
Não ha consolação para minha alma.
Nem um raio de luz que entre no abysmo
Onde cahida jaz. Feliz como elles,
Mais ainda de certo eu fui outrora.

(Que não existe amor qual era o nosso);
Fui; não sou; existi; já não existo.
O que se vê de mim é o resto apenas
De um ente que morreu; sob este peito,
Além de um coração que é todo sangue,
Ha uma ausencia de vida, um vacuo immenso
Um martyrio sem fim que não s'exprimem.

Assim, no auge da afflicção, minha alma
Se desespera e clama; e horrendo tedio
Me invade, me aniquila; o mundo todo
Aborreço; aborreço o proprio dia,
O sentir, o viver; só quero a morte.

Mas de repente lembra-me meu filho,
O meu pobre innocente, unico fructo
Do nosso breve amor; e vejo-o olhar-me,
Sorrir para mim co' aquelles olhos,
Tão meigos, tão rasgados, tão formosos
Como os de sua mãe; e julgo ouvil-a
Que invisivel me diz: por elle vive!

Admiravel o condão do artista que nos identifica com o seu sentimento. N'elle achamos expresso o nosso sentir, como nunca o saberiamos fazer. Quanta consolação estes versos não derramam n'um coração attribulado por igual dôr. Aos desgraçados, só outros infelizes sabem dispensar palavras de consolo. Abençoado o poeta que nos traduz o soffrimento, ou em cuja dôr quem soffre vê como n'um espelho o seu soffrer.

Mas se por sympathia de nosso dolorido coração especialisamos esta formosa poesia, mais tarde pagaremos o justo tributo de apreço a muitas outras, publicando-as aqui no OCCIDENTE, levando o conhecimento de tão canoros versos a logares onde o livro talvez não chegue.

Completam este volume umas interessantissimas notas, acerca das composições n'elle inser-tas, e das relações do auctor com alguns poetas extinctos.

Ao nosso querido e erudito collaborador agradecemos, pois, muito a offerta das *Cambiantes*.

A PECCADORA

POR E. P. ESCRICH

VERSÃO DE ESTEVES PEREIRA

Um lindo romance de costumes,
cujo nome do auctor, Escrich, é garantia do interesse
e dramatico da acção d'este romance

6 volumes illustrados com gravuras 35000 réis

Pedidos á Empresa do Occidente

LARGO DO POÇO NOVO

LISBOA

LIVROS PARA RIR

O NARIZ DO TABELLIÃO

Por E. ABOUT

Traducção de Pin-Sel

Um vol. illustrado com uma linda capa a cores

PREÇO 200 RÉIS PELO CORREIO 220

Pedidos á Empresa do Occidente, largo do Poço Novo — Lisboa.

Almanach illustrado do «Occidente» Para 1898

Entrou no prelo este esplendido annuario para 1898 e recebem-se annuncios até o fim d'este mez.

Desde já se recebem encomendas na EMPRESA DO «OCCIDENTE» — LARGO DO POÇO NOVO — LISBOA.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 39